

4. SABER CRIAR SENTIDO

Ancorar – Interpretar – Criar Sentido a partir do que somos, fomos e desejamos ser

Segundo Rafael Echeverria, podemos falar de um princípio do observador, isto é, não sabemos como as coisas são, mas as observamos e as interpretamos. Segundo ele “vivemos em mundos interpretativos”. Nesse sentido, se cada um de nós percebe o mundo a sua maneira, somos observadores diferentes que carregam diferentes mundos nas mãos e isso significa que cada observador vê certas coisas e não observa outras, como quando se escuta diferentes comentários sobre determinado assunto que pessoas fazem quando assistem um filme, por exemplo.

A diferença entre observadores que trazem consigo mundos diferentes nos leva a perguntar o que nos constitui como observadores. Segundo Echeverria, temos dois caminhos possíveis: o **Caminho da História** e o **Caminho da Estrutura**.

- ✓ O **Caminho da História**, um olhar **diacrônico** que se dá no tempo: somos seres históricos que nascemos e crescemos em determinadas comunidades com suas tradições, discursos históricos e práticas sociais. A tudo isso se agrega nossa história pessoal e o sentido que geramos frente aos acontecimentos, ao fluir da vida a partir de uma determinada cultura, de um cultivo social que se expressa nas formas como uma comunidade elaborou sentidos através do tempo. Além disso, nossa história pessoal toma forma em contextos próximos como a família, o bairro, a escola e o trabalho. Em função das experiências que acumulamos, aprendemos a agir de determinada forma, geramos hábitos e padrões de comportamento, adquirimos determinados repertórios emocionais e desenvolvemos horizontes de expectativas, pertencemos a uma determinada geração;
- ✓ O **Caminho da Estrutura**, um olhar **sincrônico** do presente que se dá no espaço: esse caminho dirige um olhar ao presente e ao que se projeta no futuro e à capacidade de se intervir, modificar e transformar o observador e a própria realidade vindoura. Os fatos passados não admitem mudanças, pois são regidos pelo critério da necessidade. O caminho da estrutura inclui o critério da possibilidade, pois está ligado ao futuro e se expande ao domínio do possível que inclui o poder de intervir nele, de modifica-lo. Nos possíveis, no vir-a-ser, na potencialização está contido o germe de toda transformação. Assim, a nossa estrutura é composta por diferentes domínios que nos constituem como observadores: a biologia como o âmbito mais geral e, a partir dela, a corporalidade, a emocionalidade e a linguagem.

Ambos os caminhos não são pré-definidos, mas são construídos pelo próprio observador e se abrem a ele, ainda que seja necessária uma interpretação de como transitá-los. Tanto a História como a Estrutura não existem por si mesmas, mas como interpretações daquele que as observa. É aqui que acontecem as grandes transformações.

Toda forma de observar o mundo, toda forma de interpretar e de conferir sentido, abre ou fecha determinadas possibilidades na vida; permite ou inibe determinados cursos de ação. Quanto mais aguda e poderosa é nossa observação, maiores possibilidades se nos abrem, mais caminhos nos são oferecidos. Além disso, somos observadores diferentes e não existem normas objetivas que

determinam qual das nossas interpretações é falsa ou verdadeira, o que significa que vivemos num permanente desafio moral. As ideias morais são sempre juízos do observador que interpretam os fenômenos.

No sentido grego, a verdade, *alethéia*, é sempre um descobrir, é o perceber simples que vê as mais simples determinações das formas de ser de algo. Esse ser pode permanecer encoberto a maior parte do tempo e se mostrar de vez em quando muito furtivamente a alguns que tem olhos, ouvidos e coração para ver, ouvir e sentir e, depois volta a se encobrir e pode permanecer encoberto por muito tempo, o que dificulta o nosso perguntar por ele. Dessa forma, não podemos falar de verdade objetiva, definitiva, de conhecimento objetivo, mas de um processo de desvelamento sucessivo da realidade e que vai depender sempre do observador que a observa e, conseqüentemente, do que o afeta nesta observação. O que queremos destacar como o elemento central do questionamento do critério de verdade, no sentido de representação do ser das coisas, é o tipo de ética de convivência que se infere dela: dependendo do critério de verdade que estabelecemos e do tipo de observador que somos, criamos uma ética da convivência baseada no respeito mútuo ou uma ética da exclusão que penaliza a diversidade.

A reflexão sobre a ética tem dois pontos de partida: um que se refere ao sentido da vida e o outro, com a qualidade da convivência entre os seres humanos. Ambas as perspectivas fazem parte da configuração dos tipos de observadores que somos. Indagar sobre o sentido da vida e a capacidade de agir com as respostas a essa indagação são pontos muito importantes que constituirão o observador e, se fala aqui, não de indagações teóricas de conhecimento, mas de uma modalidade de busca que nos leva a encontrar capacidade para amar a vida que transpira em diferentes situações de relacionamento ou de ação que encontramos ou geramos no nosso caminhar. Assim, todos os âmbitos da nossa vida adquirem uma dimensão ética no que se manifesta como o que é bom e que vivemos com o que confere sentido ao nosso estar no mundo.

Se olharmos a árvore do aprender criado por Trocmé-Fabre, veremos que neste estágio da aprendizagem, o aprendente observador tem que ancorar os conhecimentos que recolheu da própria experiência: somente o indivíduo pode aprender, compreender e amarrar o que foi aprendido com o que ele já sabe. É um processo interior de criar o sentido e é o que vai permitir a auto estruturação de cada pessoa. Esse processo só ocorre a partir da nossa história passada, presente e futura, pois criamos sentido *a partir do que somos, do que fomos, do que podemos e desejamos ser e do nosso vir-a-ser* e isso exige um espaço-tempo para que a

“contribuição das camadas mais profundas do nosso cérebro, nossa afetividade, nossa memória, nossos medos, nossos sonhos, desejos e expectativas ... se somem às nossas reações sensoriais, e para que possa *emergir o sentido*.” [2004].

Essa etapa é fundamental para que o conhecimento sedimente e não seja logo esquecido. Quanto mais profunda for a imersão na interioridade da pessoa, quanto mais das experiências pessoais vier do que se tem a conhecer, mais fortalecido fica o que foi aprendido, porque o que vem do exterior como algo refletido de um mundo pré-definido e determinado, não penetra nas camadas mais profundas do nosso ser e não consegue nos transformar.

Assim, ancoramos o que aprendemos a partir do nosso *si-mesmo* interior, interpretamos e criamos sentido a partir do acoplamento da História com a nossa história, a partir dos condicionamentos geracionais e, assim, nos construímos a partir do que somos, do que fomos, do que podemos e desejamos vir a ser.